

Educação no Brasil: Experiências, Desafios e Perspectivas

Willian Douglas Guilherme
(Organizador)



Atena
Editora
Ano 2019

Willian Douglas Guilherme
(Organizador)

Educação no Brasil: Experiências, Desafios e Perspectivas

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

| Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG) | |
|---|--|
| E24 | Educação no Brasil [recurso eletrônico] : experiências, desafios e perspectivas 1 / Organizador Willian Douglas Guilherme. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Educação no Brasil. Experiências, Desafios e Perspectivas; v. 1) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-664-5 DOI 10.22533/at.ed.645192709 1. Educação – Brasil – Pesquisa. 2. Prática de ensino. I. Guilherme, Willian Douglas. CDD 370.981 |
| Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422 | |

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O livro “Educação no Brasil: Experiências, desafios e perspectivas” reúne 79 artigos de pesquisadores de diversos estados e instituições brasileiras. O objetivo em organizar este livro é o de contribuir para o campo educacional e das pesquisas voltadas aos desafios educacionais, sobretudo, das práticas educativas e da formação de continuada de professores.

A obra contém um conjunto de resultados de pesquisas e debates teórico-práticas que propõe contribuir com a educação em todos os níveis de ensino, sobretudo, assuntos relativos à interdisciplinaridade, matemática, arte, gênero, formação continuada e prática escolar.

Os 79 artigos que compõem esta obra foram agrupados em 3 Volumes distintos. Neste 1º Volume, são 14 artigos em torno da temática Gênero e Educação e 15 artigos sobre Interdisciplinaridade. No 2º Volume, são 25 artigos que debatem sobre a prática escolar em diversos níveis e espaços do processo educacional. Por fim, no 3º e último Volume, são 20 artigos que debatem a Formação Continuada de Professores, fechando com 6 artigos em torno da temática Educação e Arte.

A obra é um convite a leitura e entregamos ao leitor, em primeira mão, este conjunto de conhecimento.

Boa leitura!

Willian Douglas Guilherme

SUMÁRIO

PARTE 1 - GÊNERO E EDUCAÇÃO

| | |
|--|-----------|
| CAPÍTULO 1 | 1 |
| A DANÇA NA ESCOLA BILÍNGUE: INCLUSÃO DE SURDOS SOB O OLHAR DOCENTE NA PERSPECTIVA DE VYGOTSKY | |
| Sandra Maria da Silva Oliveira Suelene Regina Dônola Mendonça | |
| DOI 10.22533/at.ed.6451927091 | |
| CAPÍTULO 2 | 12 |
| A DEFICIÊNCIA E HUMANIDADE: BREVE HISTÓRICO | |
| Anna Paola Xavier Chiaradia Lurdes Caron | |
| DOI 10.22533/at.ed.6451927092 | |
| CAPÍTULO 3 | 22 |
| AFETIVIDADE, INCLUSÃO ESCOLAR E EDUCAÇÃO ESPECIAL | |
| Elson Klusvick da Silva | |
| DOI 10.22533/at.ed.6451927093 | |
| CAPÍTULO 4 | 34 |
| BRECHÓ CASA DO ESTUDANTE: EU FAÇO PARTE DESSE PROJETO! | |
| Gabriel Macedo de Oliveira Janine Coelho Ouriques Catia Puppe Camila Flores da Rosa Hiassanna Hoppe Buske Larissa Buligon Brondani Lúcia Cherobini Prevedello Patrícia Petterini Robert Hugo Schoeffel Tatiana Alves Vaz Valeska Madruga Cera Vanessa Miolo | |
| DOI 10.22533/at.ed.6451927094 | |
| CAPÍTULO 5 | 40 |
| BRINCADEIRA DE MENINA, BRINCADEIRA DE MENINO: UM ESTUDO SOBRE A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE GÊNERO NA INFÂNCIA | |
| Mateus Leonardo Cassimiro Vasconcelos | |
| DOI 10.22533/at.ed.6451927095 | |
| CAPÍTULO 6 | 48 |
| DESAFIOS DO EDUCADOR DIANTE DA VIOLÊNCIA PERPETRADA NA ESCOLA POR MEIO DOS CANAIS VIRTUAIS | |
| Isaura Maria dos Santos Mario Augusto de Souza | |
| DOI 10.22533/at.ed.6451927096 | |

| | |
|---|------------|
| CAPÍTULO 7 | 57 |
| EDUCAÇÃO E EXTRATIVISMO VEGETAL COM A ETNIA CHIQUITANA, FRONTEIRA BRASIL/BOLÍVIA: DESAFIOS E PERSPECTIVAS | |
| Denildo da Silva Costa | |
| DOI 10.22533/at.ed.6451927097 | |
| CAPÍTULO 8 | 67 |
| EDUCAÇÃO POPULAR, ECONOMIA SOLIDÁRIA E O EMPODERAMENTO FEMININO | |
| Elisângela de Oliveira Fontoura | |
| Geraldo Augusto Locks | |
| João Eduardo Branco de Melo | |
| DOI 10.22533/at.ed.6451927098 | |
| CAPÍTULO 9 | 78 |
| GÊNERO E EDUCAÇÃO: ENFRENTAMENTO DE VIOLÊNCIAS | |
| Luan Felipe Alves Couto | |
| Mareli Eliane Graupe | |
| DOI 10.22533/at.ed.6451927099 | |
| CAPÍTULO 10 | 85 |
| GÊNERO, SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO: DESAFIOS A SEREM ENFRENTADOS A PARTIR DA ANÁLISE DO RELATÓRIO “JOGO ABERTO” EMITIDO EM 2017 PELA UNESCO | |
| Francisco Cláudio Araújo de Castro da Paz | |
| Francisco Eduardo Araújo de Castro da Paz | |
| Madison Rocha Ribeiro | |
| DOI 10.22533/at.ed.64519270910 | |
| CAPÍTULO 11 | 96 |
| INVESTIGAÇÃO SOBRE A PRÁTICA DO <i>BULLYING</i> NO ENSINO MÉDIO: DESAFIOS E POSSIBILIDADES | |
| José Cleferson Alves Ferreira da Silva | |
| João Paulo de Oliveira Nunes | |
| Marianny de Souza | |
| Ana Paula Batista de Almeida | |
| Mônica Fagundes dos Santos | |
| João Paulo Alves de Albuquerque | |
| Cícera Lopes dos Santos | |
| Maria Lusia de Moraes Belo Bezerra | |
| DOI 10.22533/at.ed.64519270911 | |
| CAPÍTULO 12 | 106 |
| O PLANO EDUCACIONAL INDIVIDUALIZADO (PEI) NA EDUCAÇÃO ESPECIAL: UMA CONTRIBUIÇÃO NO PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA | |
| Tânia Mara dos Santos Bassi | |
| Vilma Miranda de Brito | |
| DOI 10.22533/at.ed.64519270912 | |
| CAPÍTULO 13 | 117 |
| PRÁTICAS MUSICAIS NA EDUCAÇÃO ESPECIAL | |
| Andréia Miranda de Moraes Nascimento | |
| Luana Paula Carvalho Silva | |
| Gabriela Regina Miguel Reis | |
| DOI 10.22533/at.ed.64519270913 | |

| | |
|--|------------|
| CAPÍTULO 14 | 125 |
| PROMOÇÃO DA CIDADANIA ATRAVÉS DA EDUCAÇÃO: A EXPERIÊNCIA DA ESCOLA PARQUE DE SALVADOR | |
| Andrea Oliveira D’Almeida | |
| DOI 10.22533/at.ed.64519270914 | |
| | |
| PARTE 2 - INTERDISCIPLINARIDADE | |
| | |
| CAPÍTULO 15 | 136 |
| EDUCAÇÃO DO CAMPO: O QUE MERECEM SEUS SUJEITOS | |
| Claudenir Bunilha Caetano | |
| DOI 10.22533/at.ed.64519270915 | |
| | |
| CAPÍTULO 16 | 153 |
| “ESCOLA SEM PARTIDO”: CRISE NA EDUCAÇÃO? | |
| Franciane Sousa Ladeira Aires | |
| DOI 10.22533/at.ed.64519270916 | |
| | |
| CAPÍTULO 17 | 165 |
| HUMANISMOS FILOSÓFICOS EM INTERFACE COM O HUMANISMO CRISTÃO NUMA PROPOSTA EDUCACIONAL | |
| Francisco de Assis Carvalho | |
| DOI 10.22533/at.ed.64519270917 | |
| | |
| CAPÍTULO 18 | 177 |
| JOVENS E FORMAÇÃO INTERNACIONAL: SEMANA ACADÊMICA DO BACHARELADO EM ONTOPSICOLOGIA DA FACULDADE ANTONIO MENEGHETTI NA ITÁLIA | |
| Patrícia Wazlawick | |
| DOI 10.22533/at.ed.64519270918 | |
| | |
| CAPÍTULO 19 | 196 |
| MEDIANDO SIGNIFICAÇÕES E CONFIGURAÇÕES DE SENTIDOS | |
| Poliana Fernandes dos Santos | |
| Bárbara Garcia Ferri | |
| Claudia Gomes | |
| DOI 10.22533/at.ed.64519270919 | |
| | |
| CAPÍTULO 20 | 208 |
| O APRENDIZADO NO CURSO TÉCNICO DE NÍVEL MÉDIO EM DESIGN DE INTERIORES COMO TEMA DE PESQUISA | |
| Joseane Aparecida Ipolito | |
| Maria de Fátima da Silva Costa Garcia de Mattos | |
| DOI 10.22533/at.ed.64519270920 | |
| | |
| CAPÍTULO 21 | 216 |
| O CURSO TÉCNICO EM AGROPECUÁRIA FRENTE AOS NOVOS DESAFIOS DO CENÁRIO RURAL CONTEMPORÂNEO | |
| Ivone Barbosa Targa | |
| Roberto Kanaane | |
| DOI 10.22533/at.ed.64519270921 | |

| | |
|--|------------|
| CAPÍTULO 22 | 227 |
| O ENSINO NO BRASIL E A FORMAÇÃO DA DISCIPLINA GEOGRAFIA | |
| Jone Clay Custodio Borges | |
| Marcelo Rodrigues Mendonca | |
| DOI 10.22533/at.ed.64519270922 | |
| CAPÍTULO 23 | 237 |
| O ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA: NO CONTEXTO SOCIAL E ESCOLAR | |
| Thiago Ferreira de Paiva | |
| DOI 10.22533/at.ed.64519270923 | |
| CAPÍTULO 24 | 247 |
| O JOVEM E A SUA SEGUNDA VIDA BASEADA EM ESTEREÓTIPOS E O DIFERENCIAL DA PEDAGOGIA ONTOPSICOLÓGICA | |
| Ana Carolina Marzzari | |
| Eloisa Vieira Ribeiro | |
| DOI 10.22533/at.ed.64519270924 | |
| CAPÍTULO 25 | 256 |
| O PENSAMENTO ESPACIAL QUE ATRAVESSA A MATEMÁTICA E A CARTOGRAFIA: FAZER-SE PROFESSOR(A) ENTENDENDO O PENSAMENTO DAS CRIANÇAS | |
| Denise Wildner Theves | |
| Lenir dos Santos Moraes | |
| DOI 10.22533/at.ed.64519270925 | |
| CAPÍTULO 26 | 269 |
| PLANTANDO DÁ, EM BUSCA DE UMA VIDA SAUDÁVEL | |
| Sandra Berro Maia | |
| Andréa Magale Berro Vernier | |
| Luciana Pinheiro Silveira Alfaro | |
| Alan Pedroso Leite | |
| Bárbara Gehrke Bairros | |
| DOI 10.22533/at.ed.64519270926 | |
| CAPÍTULO 27 | 279 |
| PRODUZINDO AVALIAÇÕES DE QUALIDADE: CONSIDERAÇÕES SOBRE A DISCRIMINAÇÃO DOS ITENS | |
| Talita Emídio Andrade Soares | |
| Denilson Junio Marques Soares | |
| DOI 10.22533/at.ed.64519270927 | |
| CAPÍTULO 28 | 285 |
| REFLETINDO A EDUCAÇÃO PARA O SÉCULO XXI | |
| Iracema Cristina Fernandes da Silva | |
| Terezinha Fernandes Martins de Souza | |
| DOI 10.22533/at.ed.64519270928 | |
| SOBRE O ORGANIZADOR | 295 |
| ÍNDICE REMISSIVO | 296 |

EDUCAÇÃO POPULAR, ECONOMIA SOLIDÁRIA E O EMPODERAMENTO FEMININO

Elisângela de Oliveira Fontoura

Universidade do Planalto Catarinense

Lages, Santa Catarina

Geraldo Augusto Locks

Universidade do Planalto Catarinense

Lages, Santa Catarina

João Eduardo Branco de Melo

Universidade do Planalto Catarinense

Lages, Santa Catarina

RESUMO: Este trabalho pretende abordar uma tendência na atualidade em refletir sobre feminilidades, que ao longo das últimas décadas foram emergindo de acordo com identidades diferenciadas de mulheres e homens identificados por marcadores de gênero, classe sociais, raça, sexualidade e idades. Aborda-se sua relação com a economia solidária que aliada à educação popular constituem-se em estratégia para se romper com a lógica capitalista, ao se oporem à exploração do trabalho e dos recursos naturais, considerar o ser humano na sua integridade como sujeito e finalidade da atividade econômica. Em tempos denominados de pós-modernidade, uma pessoa pode ser compreendida como um amálgama de vários traços de identidade que a compõem. Viver nesta sociedade implica em aceitar e reconhecer a pluralidade de suas manifestações. A economia

global segue produzindo uma desigualdade crescente e, como identificamos, cada vez mais gerando populações consideradas dispensáveis, supérfluas. Em outra vertente histórica se encontra a economia solidária como política pública que busca estabelecer outro paradigma societário por meio de seus princípios, tais como, autogestão, propriedade coletiva dos meios de produção, distribuição equitativa dos resultados do trabalho entre os integrantes do empreendimento, relações de cooperação e solidariedade, cuidado com o ambiente e responsabilidade com o entorno social. Ou seja, esta outra economia busca um modo humano de estar no mundo, do viver a condição de homem e mulher na produção de suas existências. Trata-se de uma abordagem bibliográfica cuja expectativa é problematizar a condição atual de ser homem e mulher numa sociedade demarcada por relações de gênero assimétricas, mas contraditoriamente, pela busca de empoderamento e emancipação social de mulheres. Espera-se que esta reflexão potencialize a consciência do protagonismo de mulheres, da potência da economia solidária e da educação popular na conquista da equidade social e de gênero.

PALAVRAS-CHAVE: Economia Solidária, Educação Popular, Feminismo.

ABSTRACT: This work intends to address a current tendency to reflect on femininities, which over the last decades have emerged according to the differentiated identities of women and men identified by markers of gender, social class, race, sexuality and ages. Its relationship with the solidarity economy is analyzed, which together with popular education constitute a strategy to break with the capitalist logic, when opposing the exploitation of labor and natural resources, to consider the human being in its integrity as subject and purpose of economic activity. In so-called postmodern times, a person can be understood as an amalgam of the various traits of identity that make up the person. Living in this society implies accepting and recognizing the plurality of its manifestations. The global economy continues to produce increasing inequality and, as we have identified, increasingly generating populations that are considered dispensable, superfluous. In another historical aspect, solidarity economy is a public policy that seeks to establish another societal paradigm through its principles, such as self-management, collective ownership of the means of production, equitable distribution of work results among the members of the enterprises, relations of cooperation and solidarity, caring for the environment and responsibility towards the social environment. That is, this other economy seeks a human way of being in the world, of living the condition of man and woman in the production of their existences. It is a bibliographical approach whose aim is to problematize the current condition of being a man and woman in a society demarcated by asymmetrical gender relations, but contradictorily, by the search for empowerment and social emancipation of women. It is hoped that this reflection will strengthen the awareness of the protagonism of women, the power of solidarity economy and popular education in the achievement of social and gender equity.

KEYWORDS: Solidary Economy, Popular Education, Feminism.

INTRODUÇÃO

Somos mulheres de muitas formas, de diferentes raças, classes, orientações sexuais, religiões, cultura. Somos mulheres de diferentes tempos, ainda que estivemos vivendo na mesma época. Um dado nos aproxima e empurra para a resistência e busca sua superação: a desigualdade de gênero:

Para superar a reprodução e a legitimação das desigualdades de gênero, é preciso começar reconhecendo que a identidade de gênero obedece a padrões culturais altamente discriminadores e, a partir daí, analisar as formas que a sociedade tem tido para perpetuar esta situação. Abrir o diálogo para desvendar quais práticas respondem discriminação de gênero pode abrir uma grande oportunidade para construir processos de relações inclusivas; (MAHMÍAS, 2006, p. 127).

Essas distintas posições vão supor e construir formas também distintas e diversas formas de enfrentamento das condições de vida, expectativas, possibilidades ou interdições diferentes. Com efeito as formas de resistir e de superação são

diversas. Os contextos socioculturais se distinguem, mas um denominador comum, se manifesta na hegemonia do modo de produção capitalista de reprodução da vida na contemporaneidade. Cada conjuntura deve ser lida criticamente para se encontrar identificar e elaborar estratégias de poder e de emancipação social.

[...] Qual é o desafio da presente conjuntura? Relegitimar nossas identidades, prática e espaço e contribuir para a transformação dos sistemas educativos com nossa bagagem social, cultural, pedagógica e política. Ou seja, que tanto os sistemas quanto as políticas públicas se regenerem desde uma opção popular produzida por diversos movimentos sociais, culturais e políticos populares que hoje são portadores de uma nova opção diante da crise de legitimidade do neoliberalismo e da globalização. (LEDEZMA; BAZÁN, 2006, p. 137).

No caso do Brasil, nos últimos trinta anos o campo da economia solidária vem sendo uma estratégia de emancipação feminina. As mulheres constituem maioria protagonizando os empreendimentos econômicos solidários. Elas transitam do espaço doméstico de trabalho para construir novas sociabilidades, conquistar espaço de trabalho e geração de renda. Inicialmente auto identificado como um movimento social, a economia solidária conquistou em 2003 status de política pública ocupando espaço no Ministério do Trabalho e Emprego por meio da Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES).

Contudo, no bojo da crise política gerada pela disputa de projeto de poder e de sociedade, a partir de 2015, a sociedade brasileira vive retrocessos nas políticas públicas sociais e econômicas sem precedentes. Tal crise resultou no golpe contra a Presidente Dilma Roussef em 2016, afastando-a do seu mandato legítimo conquistado nas eleições de 2014. Utilizando-se da denúncia contra a corrupção, conforme analisa Souza (2017), interesses econômicos e políticas sustentadas pela aliança do grande capital nacional e internacional, maioria do Congresso Nacional, judiciário conservador e a força midiática, como se afirmou, “rasgaram a constituição” de 1988. Os ataques se deram em diferentes campos, como por exemplo, pelo congelamento dos investimentos em políticas como, educação e saúde, menos no pagamento das dívidas do Estado com o setor privado; a reforma trabalhista e a tentativa da reforma da previdência ainda não consolidada.

A sociedade civil organizada e forças políticas do campo de esquerda, sentem-se convocadas para seu compromisso histórico de defesa dos direitos humanos, de cidadania e da democracia. O que está essencialmente em jogo é a luta de classe, dado que nos últimos quatorze anos, foram promovidas políticas que transferência de renda, que minimizaram o fosso da histórica desigualdade social existente no país, fato que ameaçou os interesses e privilégio das elites econômicas e políticas.

Arcanjo e Oliveira (2017) analisam os impactos da crise política e econômica para as classes populares e o campo da economia solidária:

Em meio a este conturbado cenário político e econômico de ajuste fiscal e recessão, vários foram os desdobramentos negativos para as classes populares, com o aumento do desemprego e cortes em políticas sociais. Uma carta enviada pela Coordenação desta Secretaria, em 18 de fevereiro de 2016, publicada no

Boletim do Fórum Brasileiro de ES, discorre sobre as reais possibilidades de reduzir a Senaes a uma subsecretaria dentro do Ministério do Trabalho. A referida Carta cita o ajuste fiscal e um quadro de arrefecimento da economia, com redução da arrecadação; uma crise política, manipulada por forças retrógradas contrárias ao desenvolvimento de políticas sociais inclusivas – que viriam a provocar o golpe contra a presidenta da República, Dilma Rousseff, além de um apelo pela manutenção da Secretaria e das políticas públicas de ES. Também, organizações e empreendimentos ligados ao FBES iniciaram uma campanha de mobilização contra a extinção da Senaes no início de 2016. (ARCANJO; OLIVEIRA, 2017, p. 243).

Convém destacar que o modo de produção capitalista, aproveitando-se das crises por ele mesmo construídas, desde 2008, vem se ressignificando e se reinventando, ou seja, modifica-se para continuar sua essência, isto é, nutrindo-se da exploração e da acumulação de bens e renda.

[...] O modelo capitalista cada vez mais dispensa trabalho em toda parte, produzindo o desemprego estrutural-um dos mais inquietantes problemas enfrentados pelas sociedades contemporâneas – e acentuando as desigualdades sociais. Basta mencionar a grave crise que, nos anos mais recentes, assola os países do hemisfério norte, notadamente resultado do esgotamento do modo de organização da vida social, baseada em valores econômicos de competitividade e acumulação de riquezas monetárias. (MOURA, 2014, p.17).

Sustentamos a tese das mudanças capitaneadas pela educação. Não se nega a relevância da educação formal, mas, como refletem Pontual e Reland (2016), transformar a educação é a tarefa mais complexa que uma sociedade e um Estado podem se atribuir, precisamente porque tem a ver com transformações de consciência e de cultura. As políticas públicas devem considerar esse limite. Sabe-se também que a educação sob controle do Estado capitalista tem uma finalidade muito precisa: preparar força de trabalho para atender interesses do capital como reflete o espanhol Manuel Fernández Enguita (1985), a relação isomórfica bastante acentuada entre as relações sociais de educação com as relações sociais de produção.

Desse modo seria ingenuidade política, acreditar que a educação formal garante as transformações sociais e políticas que se fazem necessárias. Torna-se fundamental trazer à luz, a potência da educação popular, estratégia fundamental para o campo da economia solidária, objeto de nossa reflexão enquanto caminho para mulheres e homens que buscam ou demandam emancipação social.

METODOLOGIA

A economia solidária se orienta por valores e princípios antagônicos à economia capitalista, ou seja: autogestão, propriedade coletiva dos meios de produção, distribuição equitativa dos resultados do trabalho, cooperação, participação, solidariedade, cuidado com o meio ambiente, responsabilidade com o entorno social, reconhecimento e valorização da diversidade de expressões de gênero, sexualidade, étnico-racial.

A educação popular tem se mostrado a mais adequada metodologia de trabalho junto aos empreendimentos econômicos solidários:

[...] uma metodologia de trabalho que leva em conta o saber popular e leva em consideração o conhecimento produzido dentro dos empreendimentos, reconhecendo-o como um conhecimento legítimo e necessário para a transformação da realidade. A metodologia de incubação busca estabelecer a aliança do conhecimento acadêmico com esse outro tipo de saber numa relação dialógica e destituída de hierarquização. A partir daí busca-se construir propostas válidas para a autogestão dos grupos, as quais denominam-se “tecnologias sociais”. (MOURA, 2014, p.15).

Contrariando a atual conjuntura, a economia solidária e a educação popular se opõe ao

[...] balanço de dois séculos de capitalismo mostra-nos toda a sua irracionalidade, com a apropriação privada do avanço científico e tecnológico como forma de gerar mais capital. A terra e o desenvolvimento do conhecimento, da ciência e da tecnologia, apropriados privadamente e colocados a serviço da expansão do capital, voltam-se a classe trabalhadora e seus filhos e se afirmam dentro de uma lógica destrutiva. Além disso, ocorre o aniquilamento de direitos e das bases da vida, mediante a agressão ao meio ambiente. Disso resulta uma contradição insanável que se evidencia pelo aumento da miséria e da fome, pela volta das epidemias, pela indigência e pelo aumento da violência e do extermínio dos pobres. (FRIGOTTO, 2012, p. 269).

No contexto de crise social, política e econômica descrita acima, as classes populares reivindicam o retorno das políticas sociais já conquistadas e a ampliação dos direitos conquistados. São 13,5 milhões de brasileiros desempregados. Portanto, a criação de empregos, a geração de renda, a construção de espaços de trabalho, são questões que se tornaram estruturantes para garantir minimamente condições dignas de vida.

A consciência individual e coletiva tem força mobilizadora:

Por essa razão, a Educação Popular assume uma posição conseqüente e define educação também como um *ato político*. Em conseqüência, afirma “que toda educação é, além de um ato pedagógico, um ato político”. Não há como se manter na mera declaração de princípios e à margem de compromissos sócio-históricos concretos. Desde nossa opção ética, nossa visão política tem que ser a favor e na direção da visão dos pobres da terra. (HURTADO, 2006, p. 153).

Nesta perspectiva pedagógica, o educando passa a se constituir e um sujeito ativo nas transformações que podem gerar melhor qualidade de vida para a sua comunidade, sua cidade, passe a ser protagonista das várias esferas de participação seja ela, política, social, na economia solidária, nos conselhos municipais de educação, de saúde, dos orçamentos participativos entre outros. Sujeitos participativos críticos capazes de tencionar o Estado com criação de políticas públicas e cumprimento das leis. Que sejamos sujeitos proativos contra a histórica desigualdade social brasileira

[...] as desigualdades no Brasil são fruto de um processo histórico que remonta à formação da sociedade escravocrata, que constituiu uma cultura de mando e subserviência, reaparecendo com o coronelismo e em nossos dias subtraindo os direitos básicos da cidadania. Como conseqüências políticas de tal cultura, os

autores destacam o trato privado da coisa pública, que se opôs ao reconhecimento e legitimação das singularidades e diferenças [...]. (BORGES, 2014, p.67).

A produção do analfabetismo e a exclusão é decorrência do modelo social, econômico e político predominou na América Latina. Nos anos 90, tivemos hegemonicamente as políticas neoliberais, que produziram mais pobreza, mais exclusão, informalização das relações de trabalho, concentração e mercantilização da propriedade rural, portanto, exclusão de trabalhadores rurais. No corrente ano, reiteremos, temos uma nova conjuntura de extermínio das políticas públicas, o governo atual deixa claro o descaso com a população demonstrando para que veio, gerando uma ameaça a vida das classes populares. Este cenário pode ser ilustrado com o desmonte sofrido no campo da economia solidária

[...] o ineditismo das políticas inclusivas no século XXI, no Brasil, sobretudo da ES. [...] destacando o crescimento e a importância do movimento de ES no Brasil, sob a liderança do Fórum Brasileiro de Economia Solidária (FBES). [...] o contexto social, político econômico que levou à criação da Secretaria Nacional de Economia Solidária (Senaes) para a execução de políticas públicas de ES nos últimos 13 anos no âmbito do governo federal brasileiro, bem como o retrocesso destas políticas, especialmente a partir do golpe parlamentar em 2016. (ARCANJO; OLIVEIRA, 2017, p. 231).

Nos caminhos do educador, filósofo da educação, professor Paulo Freire que reconhecido mundialmente como um pedagogo comprometido com uma educação transformadora, o domínio da palavra só tem significado e sentido se for contextualizada, ou seja, relacionada com o universo cultural, econômico, político em que vive o educando.

RESULTADOS

O público da economia solidária, além de acentuadamente feminino, tem tido restrita oportunidade de acesso à educação. É muito comum encontrar nos empreendimentos integrantes analfabetos, semi-analfabetos ou que não conseguem ler, nem interpretar um texto. Neste sentido, a alfabetização significa uma ação capaz de dotar os educandos para uma nova compressão do mundo, uma nova leitura de mundo, uma leitura de mundo que precede em certo sentido e que dá significado a leitura da palavra, significando o domínio completo da leitura e da escrita. Numa perspectiva de um sujeito consciente dos seus direitos e deveres, capaz de agir e lutar por esses direitos

Paulo Freire nos lembra que o conhecimento é um processo que resulta das práxis permanentes dos seres humanos sobre a realidade. Mas no momento em que separo o conhecimento existente do ato de criar conhecimento, minha tendência é apoderar-me do conhecimento existente como um fato acabado e transferi-lo àqueles que não sabem. Este é o caso das universidades, que são casas de transferência de conhecimento. (HURTADO, 2006, p. 148).

Educador e educando tem um saber que vem da sua experiência vivida, assim

sendo, o ato de educar é um ato dialógico de compreensão recíproca onde ensinam e aprende ambos. Dar possibilidade ao educando participar ativamente na vida social, lutar por direitos ligados à sua qualidade de vida, como por exemplo direito a saúde, direito à moradia, direito a cultura. Nesta concepção também caminha o processo de avaliação. Sobre esse caráter dialético entendemos que:

[...] Rechaçamos o enfoque positivista, que converte o educando em mero *objeto* de recepção passiva de conhecimentos pré-elaborados – o que Freire chama *educação bancária*. Para a Educação Popular, a realidade é uma verdadeira fonte de conhecimento que não podemos simplificar isolando-o das dinâmicas reais socioeconômicas, culturais e políticas do contexto. “O conhecimento é, portanto, o processo que resulta da *práxis* permanente dos seres humanos sobre a realidade[...]. (HURTADO, 2006, p. 151).

O dinamismo da educação popular ultrapassa os muros escolares, o ambiente alfabetizador com acesso a múltiplas formas de leituras e projetos culturais. Capaz de dar uma efetividade e uma dimensão mais plena ao processo de aprender. Dando a educação de jovens e adultos uma educação independente da faixa etária a que pertence e até independentemente do grau de escolaridade que já tenham adquirido.

Transformando assim o direito permanente humano a educação

Por essa razão, a Educação Popular assume uma posição conseqüente e define educação também como um *ato político*. Em conseqüência, afirma “que toda educação é, além de um ato pedagógico, um ato político”. Não há como se manter na mera declaração de princípios e à margem de compromissos sociohistóricos concretos. Desde nossa opção ética, nossa visão política tem que ser a favor e na direção da visão dos pobres da terra. (HURTADO, 2006, p. 153).

Economia solidária e educação popular, implica numa relação indissociável. Sobretudo, refletindo no viés da emancipação feminina, na luta pela igualdade de direitos, de gênero na conquista de trabalho e renda, a solidária. No antigo sítio da SENAES, encontrava-se o conceito que popularizou a economia solidária no Brasil. “o jeito diferente de produzir, vender, comprar e trocar o que é preciso para viver, sem explorar os outros, sem querer levar vantagem e sem destruir o meio ambiente”. Nossa prática social tem demonstrado que em um empreendimento econômico solidário, ninguém explora o trabalho alheio; garante, qualidade de vida e o desenvolvimento da vida de todos seus integrantes.

DISCUSSÃO

O trabalho educativo junto às cooperativas de trabalho de catadores de materiais recicláveis localizado no território onde vivemos e refletimos este texto se mostra extremamente profícuo. Borges (2014), demonstra que esta experiência pedagógica tem conseqüências fomentadoras de mudanças pessoais e construção de organizações coletivas:

[...] Um dos aspectos que se mostrou importante como fomentador das mudanças pessoais é o início do trabalho em cooperativas de reciclagem, pois são

ambientes como uma lógica diferente da empresarial (SINGER, 2000), em que as pessoas têm possibilidade de aprender umas com as outras, em termos de falar, ouvir, respeitar mais o outro, a conviver, enfim há maior possibilidade de ser ela mesma, o que termina por facilitar a geração de sentido positivo do trabalho e da identidade desse trabalhador relacionado com a cultura desse ambiente coletivo [...]. (BORGES, 2014, p. 79).

Estas experiências realizadas mais recentemente na história da educação popular brasileira, corroboram os ensinamentos de Freire, ao demonstrar a estratégia desta modalidade de educação na promoção da emancipação social

[...]Freire disse que: Como processo de conhecimento, formação política, manifestação ética, busca da beleza, capacitação científica e técnica, a educação é uma prática indispensável e específica dos seres humanos na história, como movimento, como luta. (HURTADO, 2006, p.147).

A educação não é neutra, existe uma politicidade inerente a ação de educar ou seja, o ato de educar ou está bem comprometido com o processo de transformação das pessoas, das comunidades, na compreensão dos direitos da inclusão social ou está exercendo um papel de reprodução da ordem social vigente, portanto da ordem de exclusão, de discriminação etc.

A economia solidária é uma construção contínua, situa-se no campo da luta política. Apresenta-se como uma alternativa à economia capitalista no qual o interesse utilitarista, ideologia do modo de produção capitalista, preside as relações sociais, econômicas e políticas. A gênese da economia solidária no contexto do capitalismo industrial europeu do século XIX, tem demonstrado que

A economia solidária não é a criação intelectual de alguém, embora os grandes autores socialistas denominados 'utópicos' da primeira metade do século XIX (Owen, Fourier, Buchez, Proudhon etc.) tenham dado contribuições decisivas ao seu desenvolvimento (SINGER; SOUZA, 2000, p. 13).

Em outras palavras a construção da economia solidária ocorre por meio de um conjunto de atores individuais e coletivos. Devemos destacar o tripé do movimento social desta outra economia: o protagonismo dos Empreendimentos Econômicos Solidários, a força das Entidades Apoiadoras (EA) e a representação do Poder Público (PP). As reflexões de Arcanjo e Oliveira (2017, p. 232) citando a SENAES (2016), corroboram nossos conceitos de economia solidária, empreendimento e o conjunto de atores ativos do campo desta economia:

a) *Economia Solidária (ES)*: o conjunto de atividades econômicas [...] – organizadas e realizadas solidariamente por trabalhadores/as sob a forma coletiva e autogestionária. Este conceito geral explicita os valores e princípios fundamentais da ES: cooperação, autogestão, solidariedade e dimensão econômica. [...]

b) *Empreendimentos Econômicos Solidários (EES)*: são aquelas organizações coletivas [...] tais como: associações, cooperativas, empresas autogestionárias, grupos de produção, clubes de trocas, redes etc.; [...] permanentes, [...] que disponham ou não de registro legal, prevalecendo a existência real e que realizam atividades econômicas de produção de bens, de prestação de serviços, de fundos de crédito [...], de comercialização [...] e de consumo solidário.

[...] c) Entidades de Apoio, Assessoria e Fomento à Economia Solidária (EAF): Foram definidas enquanto *aquelas organizações que desenvolvem ações nas várias modalidades de apoio direto junto aos empreendimentos econômicos solidários* [...].

Esta reflexão, inspirada na prática desenvolvida em nossa realidade cotidiana de educadores e educadoras sociais, permite afirmar que a economia solidária contém os germes da conquista de “autonomia e de emancipação os últimos anos como inovadoras pela vivência de seus princípios de autogestão, [...] autonomia e emancipação do sujeito implica em empoderamento, que o capacita na tomada de decisão, protagonismo social, interesse no empreendedorismo[...]” (YAMAGUCHI, TURRA, STRASSER, 2016, p. 34).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nutrimos a expectativa de que esta reflexão possa contribuir com a consciência das relações de gênero assimétricas predominante na sociedade contemporânea, mormente na sociedade regional na qual nos situamos, pensamos e propomos mudanças. Consciência de que a economia solidária se consolida como estratégia de construção de autonomia e emancipação social, um dado que pode contribuir para se entender as razões porque a economia solidária tem rosto feminino. Consciência do paradigma hegemônico do lugar historicamente ocupado pelo sujeito na sociedade moderna, homem branco, heterossexual, ocidental, de classe média urbana. E que com efeito, serviu historicamente de referência e se constituiu historicamente no centro. No novo paradigma, este lugar está sendo gradativamente contestado com indícios de se desestruturar.

O período histórico recente denominado de pós-modernidade vem contestando veementemente a hegemonia do masculino. A mulher vem sendo compreendida no plural. Não é mais preciso repetir que “não se nasce mulher”! Ela é uma construção histórica e cultural. Tornam-se protagonistas na reivindicação dos direitos humanos, aliás exigem novas compreensões sobre direitos, adensando-os, resignificando-os ou até mesmo criando novos direitos individuais e coletivos. Parece expressivo na pós-modernidade esse voltar-se em direção as margens e as fronteiras. Um certo afastamento da noção de centro e a algumas ideias, algumas noções que estão ligadas ao centro. Por exemplo a ideia de origem, a ideia de unidade, a ideia de universalidade. Em resumo, o que ocupa a posição central é considerado não problemático, e são os outros sujeitos e suas práticas, são vistos como desviantes e que se afastam, são derivações. Contudo, o centro continua a ser importante e sedutor, o que ocorre em termos de pensamento o caráter de ficção, hoje se reconhece que a posição central é uma invenção.

Efetivamente, não é uma posição naturalmente dada, mas sim uma posição historicamente construída como natural, assim sendo, a noção de centro passa a

ser desafiada e contestada na contemporaneidade. A pós-modernidade sugere que se abandone os dilemas.

De fato, deixamos a lógica de ou isso, ou aquilo, deste modo, alguém ou alguma prática pode ser ao mesmo tempo isso e aquilo, nesse caso as mulheres poderiam ser isso e aquilo. Outrossim, em vez de dicotomias pensamos em pluralidades. As diferenças não são mais binárias, são múltiplas, de acordo com o tom da pós-modernidade. Nos acompanhou ao longo desta reflexão uma estratégia na busca da emancipação social feminina, situada na relação que se estabelece em dois campos que se complementam: a economia solidária e a educação popular.

REFERÊNCIAS

ARCANJO, Maria Silva de; OLIVEIRA, Ana Luíza Matos. **A Criação da Secretaria Nacional de Economia Solidária: Avanços e Retrocessos**. 2017.

BORGES, Maria de Lourdes; SHOLZ, Robinson Henrique; ROSA, Graciema Fátima da Rosa. Produção de sentido do trabalho para recicladores por meio da resignificação da identidade, aprendizagem e superação. In: SCHOLZ, Robinson Henrique. **Economia Solidária e Incubação: uma construção Coletiva de Saberes**. São Leopoldo, RS: Oikos, p. 60 – 82. 2014.

ENGUITA, Mariano Fernández. **Trabajo, escuela e ideologia. Marx y la crítica de la educación**. Madri, Akal, 1985.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Educação Omnilateral. In: CALDART, Roseli; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio (Orgs.). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro: Expressão Popular, 2012. p. 267-274.

HURTADO, Carlos Nunez. Contribuições para o Debate Latino – Americano sobre a Vigilância e a Projeção da Educação Popular. In: PONTUAL, Pedro; IRELAND, Timothy. **Educação popular na América Latina: diálogos e perspectivas**. Brasília: Ministério da Educação/Unesco, p. 147-156. 2006. Disponível em: < http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=654_vol4americalatina-pdf&category_slug=documentos-pdf&Itemid=30192>. Acesso em 09/11/2017

LEDEZMA, Noel Aguirre; BAZÁN, Luis Antonio Rodríguez. Políticas Públicas Educativas com Participação Social: um meio para reconstruir concepções e práticas desde a Educação Popular. In: PONTUAL, Pedro; IRELAND, Timothy. **Educação popular na América Latina: diálogos e perspectivas**. Brasília: Ministério da Educação/Unesco, p. 135-146. 2006. Disponível em: < http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=654_vol4americalatina-pdf&category_slug=documentos-pdf&Itemid=30192>. Acesso em 09/11/2017

LOURO, Guacira Lopes, **Um Corpo Estranho – ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

MAHMÍAS, Marcela Tchimino. Os Desafios da Educação Popular Frente à Diversidade e à Exclusão. In: PONTUAL, Pedro; IRELAND, Timothy. **Educação popular na América Latina: diálogos e perspectivas**. Brasília: Ministério da Educação/Unesco, p. 123-134. 2006. Disponível em: < http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=654_vol4americalatina-pdf&category_slug=documentos-pdf&Itemid=30192>. Acesso em 09/11/2017

MOURA, Eliana Perez Golçalves de. O que fazemos quando incubamos? In: SCHOLZ, Robinson Henrique. **Economia Solidária e Incubação: uma construção Coletiva de Saberes**. São Leopoldo, RS: Oikos, p. 9-24. 2014.

PONTUAL, Pedro; IRELAND, Timothy. **Educação popular na América Latina: diálogos e perspectivas**. Brasília: Ministério da Educação/Unesco, p. 135-146. 2006. Disponível em: < http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=654_vol4americalatina-pdf&category_slug=documentos-pdf&Itemid=30192>. Acesso em 09/11/2017

SOUZA, Jessé. *A elite do atraso: da escravidão à Lava Jato*. Rio de Janeiro: Leya, 2017.

SINGER, Paul; SOUZA, André Ricardo de. (Org.) **A Economia Solidária no Brasil: a autogestão como resposta ao desemprego**. São Paulo: Contexto 2000.- (coleção economia)<https://fpabramo.org.br/csbn/wpcontent/uploads/sites/3/2017/04/T07Perseu13.ARCANJOOLIVEIRA.pdf>

YAMAGUCHI, Cristina Keiko; TURRA, Neide Catarina; STRASSER, Andreia Teresinha Borges. **Visão Contemporânea e Sustentável da Serra Catarinense**. 2.ed.Lages (S.C.): Ed. Uniplac, 2016.

SOBRE O ORGANIZADOR

WILLIAN DOUGLAS GUILHERME: Pós-Doutor em Educação, Historiador e Pedagogo. Professor Adjunto da Universidade Federal do Tocantins e líder do Grupo de Pesquisa CNPq “Educação e História da Educação Brasileira: Práticas, Fontes e Historiografia”. E-mail: williandouglas@uft.edu.br

ÍNDICE REMISSIVO

A

Afetividade 22, 23, 27, 28, 29, 31, 32, 33
Alimentação 13, 60, 108, 127, 130, 131, 143, 218, 269, 270, 271, 272, 274, 275, 277
Anos iniciais 256, 257, 258, 259, 260, 261, 266, 267, 268

B

Bacharelado em ontopsicologia 177, 178, 179, 180, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 191, 192, 193
Brechó 34, 36, 37, 38
Brinquedos 40, 41, 42, 44

C

Chiquitano 57, 58, 60, 61, 64, 65, 66
Conhecimento tradicional 57
Criança 10, 20, 23, 29, 30, 31, 40, 41, 42, 43, 44, 46, 47, 56, 115, 119, 120, 127, 129, 147, 161, 206, 266, 267, 268, 269, 272
Crise 69, 70, 71, 134, 141, 153, 154, 155, 158, 159, 160, 161, 162, 164, 170, 174, 184, 201
Cultura da paz 97, 103
Curso técnico em agropecuária 216, 217, 221
Cyberbullying 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56

D

Dança 1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 14, 120, 123, 130, 132
Desafios 4, 9, 20, 26, 27, 31, 37, 48, 50, 52, 53, 55, 57, 58, 64, 76, 84, 85, 86, 87, 93, 94, 96, 98, 99, 141, 142, 149, 175, 216, 241, 261, 271
Design de interiores 208, 209, 214
Disciplina 1, 2, 5, 81, 118, 154, 167, 168, 187, 190, 227, 232, 233, 234, 235, 258, 262, 285, 288
Docência 113, 153, 160, 256, 261, 267

E

Economia solidária 67, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76
Educação do campo 76, 136, 137, 138, 139, 146, 150
Educação especial 2, 20, 22, 23, 24, 26, 31, 32, 106, 107, 109, 111, 112, 113, 114, 115, 117, 119, 120, 124
Educação inclusiva 1, 2, 3, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 33, 106, 110, 115, 206
Educação musical 117, 121
Educação popular 67, 70, 71, 73, 74, 76, 77, 138, 139
Educação profissional agrícola 216
Educador 5, 21, 27, 30, 31, 48, 53, 72, 88, 125, 126, 127, 129, 131, 144, 153, 154, 160, 166, 171, 172
Egressos 208, 209, 212, 213, 220, 222

Empreendedorismo 34, 36, 38, 75, 218, 219, 220, 226

Ensino 1, 5, 6, 10, 11, 12, 13, 15, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 29, 31, 32, 50, 51, 52, 53, 54, 61, 79, 82, 83, 86, 87, 88, 90, 92, 96, 99, 101, 103, 106, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 119, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 137, 138, 139, 141, 147, 148, 149, 151, 153, 154, 155, 157, 165, 166, 178, 180, 184, 192, 193, 194, 198, 202, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 218, 219, 221, 222, 223, 224, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 238, 239, 241, 242, 243, 244, 245, 258, 259, 260, 261, 262, 267, 268, 270, 284, 292

Ensino técnico 50, 54, 209, 212, 213, 214, 222

Escola 1, 2, 3, 8, 9, 10, 11, 20, 21, 23, 24, 25, 26, 28, 29, 32, 33, 37, 38, 39, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 52, 53, 55, 56, 57, 62, 63, 64, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 109, 110, 111, 112, 114, 115, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 162, 163, 164, 166, 167, 168, 171, 172, 174, 176, 178, 198, 199, 201, 204, 208, 209, 210, 211, 213, 216, 221, 222, 229, 230, 234, 235, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 257, 258, 260, 261, 264, 265, 267, 269, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 276, 277, 278, 284, 289, 290, 291, 292, 293

Escola bilíngue 1, 2, 3

Escola sem partido 78, 79, 83, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 162, 163, 164

Estudos de gênero 78, 80

F

Feminismo 67

Formação 5, 9, 21, 26, 29, 31, 34, 35, 36, 38, 39, 59, 71, 74, 79, 86, 87, 88, 93, 98, 99, 106, 107, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 120, 126, 127, 129, 131, 133, 135, 136, 143, 146, 149, 150, 151, 162, 167, 168, 172, 173, 175, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 192, 193, 194, 195, 198, 206, 207, 209, 212, 213, 214, 216, 217, 218, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 232, 233, 234, 235, 239, 242, 252, 256, 257, 259, 261, 266, 267, 268, 282, 289, 292

Formação internacional 177, 178, 180, 181, 183, 185, 186, 187, 188, 189, 192, 193

G

Gênero 16, 25, 40, 41, 42, 44, 45, 46, 47, 62, 67, 68, 70, 73, 75, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 156, 157, 172, 198

Geografia 52, 98, 104, 227, 228, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 266, 267, 268

H

Histórico da deficiência 12, 13

Humanismo cristão 165, 172, 173, 175

Humanismos filosóficos 165, 166

I

Inclusão 1, 9, 11, 12, 13, 20, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 31, 32, 33, 74, 88, 89, 94, 105, 106, 111, 113, 114, 134, 142, 235, 243, 268, 277, 285, 290, 291

Inclusão escolar 22, 23, 27, 31, 32, 114

Infância 11, 40, 41, 44, 51, 115, 153, 202, 206, 256, 266, 267, 268

Internacionalização 177, 178, 183, 184, 185, 188, 189, 190, 192

Intervenção educativa 97

J

Jovens 23, 27, 29, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 45, 46, 52, 54, 57, 62, 63, 73, 88, 91, 102, 104, 110, 122, 123, 130, 131, 138, 160, 161, 162, 163, 177, 180, 181, 182, 184, 185, 186, 193, 195, 198, 212, 214, 216, 217, 218, 219, 220, 224, 225, 242, 247, 248, 249, 250, 254

P

Pedagogia ontopsicológica 180, 247, 248, 252, 253, 254, 278

Pensamento crítico 126, 153, 154, 156, 162, 292

pensamento espacial 9, 256, 258, 260, 261, 264, 265, 266

Pessoas com deficiência 3, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 33, 107, 108, 117

Plano Educacional Individualizado (PEI) 106

Prática pedagógicas 55, 136

Professores 11, 23, 24, 27, 79, 81, 82, 86, 88, 90, 93, 94, 95, 96, 102, 104, 105, 106, 108, 111, 112, 113, 115, 118, 120, 121, 122, 123, 129, 131, 140, 145, 146, 147, 148, 149, 151, 153, 154, 156, 157, 162, 163, 164, 168, 177, 180, 181, 185, 186, 187, 188, 189, 192, 193, 206, 227, 229, 230, 231, 234, 235, 241, 242, 244, 256, 257, 258, 259, 261, 263, 264, 265, 266, 290, 292, 293

Projeto vencedor 247, 250, 251, 252

Protagonismo 34, 67, 74, 75, 194, 195, 256, 260, 269, 271, 274, 275, 278

Psicometria 279, 280, 284

R

Redes sociais 48, 50, 53, 55, 157, 242, 247, 248, 249, 251, 253, 254

Reformas 211, 227, 228, 230, 234

Relação ensino-aprendizagem 22, 31

Relatório “jogo aberto” 85, 86, 91

S

Sexualidades 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 89, 90

Surdo 1, 7, 10

Sustentabilidade 184, 195, 198, 219, 225, 269, 270, 278

T

Tecnologia 24, 26, 48, 55, 71, 182, 219, 220, 225, 247, 253, 288, 291, 292

Teoria clássica dos testes 279, 280, 284

V

Violência 29, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 71, 79, 82, 84, 85, 86, 90, 91, 92, 93, 97, 98, 104, 110, 163, 168, 174, 206, 242

Violência escolar 51, 92, 97, 104

Vivências 2, 37, 41, 132, 170, 181, 188, 198, 205, 242, 257, 260, 261, 262, 263, 264, 266, 269, 271

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-664-5

